

GRANDES HOMENS MAL TRATADOS

Newton Gonçalves

"Como a medicina é falha e impotente!"

(Capistrano de Abreu, Correspondência, I, 41)

Quando leio biografias e cartas de homens célebres costumo de anotar as suas doenças e os tratamentos usados por eles, vezo do ex-professor de medicina e analista minucioso de protocolos médicos.

Com o tempo reuni anotações curiosas, que revelam como pessoas ilustres e esclarecidas sofreram as consequências de diagnósticos errado se se submeteram a tratamentos absurdos, em grandes centros médicos.

Marx, Roosevelt, Thomas Mann, Speer, Hitler, Gorki, Pio XII, Richelieu, Schmidt, Whitman, Tchekow, Miguel Ângelo, Beaudelaire, Dóblin, o nosso pranteado Tancredo Neves, entre muitos outros, fazem parte de minha crescente lista de doentes ilustres e mal tratados.

Um dia, quem sabe, talvez escreverei com mais vagar sobre o tema, curioso e atraente.

Em Gorki, nas vinte e quatro horas antes de morrer, foram aplicadas quarenta injeções de óleo canforado, duas de digalen, quatro de cafeína e duas de estricnina!

Já Miguel Ângelo, rebelde aos médicos, suportou quatorze doenças (entre as quais gota e cálculos renais) durante os noventa e oito anos vividos sempre afastado dos banheiros. "Limpa-te, mas não te laves" era a sua estranha pégre de higiene pessoal!

Nas dezenas de cartas escritas por Marx a Engels, raramente falta uma referência à furunculose crônica, que o atormentou durante toda a vida, furunculose tratada com gotas arsenicais, seguindo teimosa auto-medicação, talvez aprendida em algum livro de medicina antiga, na Biblioteca do Museu Britânico frequentada assiduamente por ele durante quase quinze anos!

Segundo concluí da leitura atenta dos nove volumes da coleção Molitor, Marx também sofreu de cirrose hepática, pois, recorreu muitas vezes (até quando a polícia alemã o permitiu) às águas minerais da antiga Carlsbad, a aristocrática estação balneária agora conhecida por Karlovy Vary.

Marx veio a morrer tuberculoso, em meio a forte hemoptise.

Todo o capítulo oitavo da edição alemã do livro de Werner Maser sobre Hitler é dedicado às doenças do "Führer". São trinta páginas descrevendo-lhe os tratamentos, exames complementares, dietas, tudo com precisão germânica. O capítulo reproduz até o eletrocardiograma do malogrado ditador!

Helmut Schmidt, líder do SPD alemão, passou vários anos sofrendo de hipertireoidismo, sem diagnóstico! Quando chanceler, seu oftalmologista demorou em descobrir um corpo estranho (fragmento de vidro de meio milímetro) alojado na córnea dele e que o obrigou a freqüentar as sessões do Parlamento com um ridículo tapa-olho.

Trabalhos publicados nas revistas SGO, JAMA, Atas Ciba, sobre as doenças de Whitman (portador de riquíssima patologia), Franklin Roosevelt, tão doente, Gogh, Rommel são fontes precisas de referências sobre esta matéria que gostaria de esmiuçar.

Hoje e agora, o meu "cliente" ilustre é Capistrano de Abreu, homem relativamente sadio até às vésperas do falecimento inesperado, aos setenta e quatro anos, bem vividos, dedicados à historiografia brasileira e à crítica literária.

Capistrano não foi uma escolha gratuita, nem homem de muitas doenças.

Mas, além de ser uma personalidade de escol também deve ter tido uma veia médica (assim como nosso Itamar...), pois, traduziu do alemão a obra de Edmundo Biernacki intitulada A Medicina Moderna. Gênio e Limites do Saber Médico (1906)

Talvez se possa dizer, foi homem de uma só doença.

Na realidade, afora a que o matou, sofreu somente de uma afecção crônica muito frequente entre os homens inteligentes, bons de garfo e sedentários. Além da carne seca com farinha, Capistrano não desprezava um copinho de Brahma, não destoante (já no tempo dele) com o futebol que apreciava muito, conforme se lê em carta sua, dirigida a Assis Brasil.

Salvo algumas crises rotuladas de malária, de uma ou duas intoxicações gastrícas (sic), de gripe que todos temos e de uma laringite passageira, toda a patologia de Capistrano de Abreu se limitou a um "reumatismo crônico" (Machado de Assis diria "Um reumatismo teimoso") vez por outra agudizado, obrigando-o a guardar o leito (como dizem os doutores), ou melhor a rede, da qual nunca se separou e que represen-

tava, de certo modo, um pedacinho do sítio maranguapense de Columinjuba, onde nasceu no dia 23 de outubro de 1853.

Lendo a descrição, feita por ele mesmo, em cartas aos amigos, sabe-se que as crises dolorosas se localizavam nos pés (dedos, tornozelo e calcanhar) e por fim alcançaram o joelho. Não se refere explicitamente à podagra, palavra que não era do seu vocabulário de doente. As características descritas e a sintomatologia dolorosa, são comuns à artrite única, à gota, doença, como disse, de glutões sedentários, de "goumets", de homens inteligentes e... de reis. "Sapiens, but gouty" escreveu um médico americano que considera o homem geneticamente desprovido de um fermento essencial à metabolização do ácido úrico.

A gota é facilmente confundida com o reumatismo, com o qual partilha a sintomatologia dolorosa e pode despistar o diagnóstico laboratorial, pois as crises também se manifestam com taxas de uricemia normais, (como um raio na tempestade, diziam os médicos franceses) ou em plena dieta láctea, o que talvez tenha levado Capistrano a considerar o leite um alimento daninho e letal!

Depois de tentar explicar a clientes meus, de modo prático, a diferença entre reumatismo e gota, do ponto puramente clínico, encontrei, imaginei onde, a chave do segredo na revista Seleção do Readers Digest...

Ei-la: Aperte o dedão do pé com uma torquez até não aguentar mais a dor. É o reumatismo. Aperte um pouco mais, é gota...

A gota está também muito ligada às condições emocionais, psicossomáticas do paciente e a Capistrano não faltaram motivos de depressão nervosa, ligados às preocupações familiares.

Antes do progresso da reumatologia e do estudo sobre as doenças do colágeno a palavra reumatismo era como o capítulo vermes em biologia, um saco onde se jogavam todas as dores articulares e musculares.

Remédios para reumatismo nunca faltaram, mas resultados ninguém tinha e ainda hoje pouco se tem.

No auge da teoria das infecções focais muitos extraíram os dentes e quando apareceram os corticoides os artríticos pensaram no milagre, que não aconteceu.

De certo, Capistrano sofreu realmente de gota, contra a qual não lhe valeram "o suco hepático" (sugerido por Paulo Prado...) "a diatemia" (que lhe produziu forte queimadura) e o chá de baiacuru ("um chá azul de aspecto muito simpático, excelente depurador do sangue") e o "chá de cinco folhas" ao qual, por via das dúvidas, juntava o iodureto, pois, na frase pitoresca de Papi Jr. "os reumatismos pediam com angústia os ioduretados".

Baiacuru devia ser o nome dado no Sul à carobinha verde, da

família das bignonias.

Havia uma *Bignonia longiflor* ou *Bignonia pluriflore* Vel (José Maria Conceição Veloso) e a *Bignonia antisifilítica* Mart.

Usou também injeção de Sulfidrol Robin, receita de ocasião de um companheiro de viagem.

Como brasileiro, Capistrano devia pensar "sifiliticamente" e acreditava nos depurativos, nos fortificantes e nos reconstituintes.

Capistrano também era um aguista convicto e valorizou muito as águas de Caxambu, Lindóia, Cambuquira e Poços de Caldas, frequentadas quando as águas eram realmente minerais e tinham propriedades curativas.

Já perto de morrer, um doutor lhe diagnosticou, sem muita convicção, uma "claudicação intermitente", sinal clínico de insuficiência circulatória dos membros inferiores, mas, não há prova disto, indireto, pois Capistrano "fumava como um turco".

Incomodava-lhe mais a perda de raridade visual e auditiva, de resto uma manifestação daquilo que ele mesmo chamava. "Mópe e surdo é uma das acumulações piores do que as proibidas pela Constituição", escreveu ele a Paulo Prado, dois anos antes de morrer.

Em suas crises dolorosas consultou vários médicos, usava remédios recomendados pelos amigos e ainda todas as sugestões que pudessem livrá-lo dos incomodos dolorosos.

Faz referência específica ao cearense Dr. Catunda, clínico em São Paulo, e ao Dr. Fernandes Nogueira, que refiro aqui como autor de um medíocre vocabulário médico francês-português.

Como bom brasileiro Capistrano se declarava doente do fígado, ao qual atribuía um certo malestar pós-mandial, seguido de febre e delírio, sem maiores consequências.

Como disse, Capistrano sofreu anos e anos de gota, mas, gota maltrata mais do que mata. Com paciência e meias de lã, o gotoso vai vivendo. Todos conhecem a representação caricatural clássica do gotoso — um velho gordo com o pé enrolado em panos, derreado numa poltrona.

Eu também já tive crises dolorosíssimas de podagra e, à procura de alívio momentâneo, não me pejei de envolver o dedão com folhas de coirama, aquecidas, receita de uma velha cozinheira lá de casa.

Estranho que Capistrano nunca fez uso de um específico da gota já muito conhecido na medicina antiga. Refiro-me ao colchico, à colchicina, ainda hoje vendida sob forma de granulos.

Tomava-se granulo a granulo, em dose crescente até o aparecimento de leves distúrbios gastro-intestinais...

Só quem tomou esse remédio pode saber a sensação de enjôo

que provoca!

Capistrano, repito, sofreu anos seguidos de gota, mas, a sua **causa mortis** próxima foi uma bronco-pneumonia dupla, contra a qual toda a dedicação do Dr. Gustavo Sá Lessa, desamado ainda dos antibióticos, nada pôde fazer.

Capistrano sempre foi — **et pour caus e** — um desiludido da medicina, que achava “falha e impotente”.

Diga-se, também, que a gota não se hamonizava com a boa comida mineira, de tanto gosto de Capistrano.

E para um glutão sedentário, banhos de mar episódicos, não bastavam.

“Nunca pensei que pudesse morrer”, foram as suas últimas palavras.

Convivendo sempre com o tempo, sob a forma de História, talvez se tenha familiarizado com a idéia de eternidade!

Capistrano de Abreu teve uma agonia aflitiva, devida à dispnéia provocada pelos pulmões hepatizados.

Isto ocorreu no dia 13 de agosto de 1927, sábado, no Rio de Janeiro, às 5,25 da manhã” sem escândalo como nascera e como desejava sair deste mundo”.